

Fragosas brenhas do mataréu



Ricardo Azevedo

Manual do Professor

Nos últimos anos, tem se acompanhado estudos e discussões sobre o que vem a ser a formação integral dos alunos. Uma das missões dos professores é a de apoiar o desenvolvimento desses alunos do modo mais amplo possível e, mesmo com tantos desafios, é possível continuar atuante porque a educação é transformadora. No dia a dia, em sala de aula, são planejadas atividades que levem os alunos à reflexão, para que se tornem indivíduos cada vez mais críticos e criativos, saibam enfrentar diferentes situações e estejam preparados para o mundo do trabalho, para a vida em sociedade e para exercerem sua cidadania.

Muitos recursos estão à disposição dos professores. A obra literária e o que dela se pode extrair sem dúvida é um desses recursos. Também considerada uma forma de arte, a literatura pode fomentar o estudo sobre a identidade nacional e de outros povos, promover autoconhecimento, transformar opiniões, estimular debates e sugerir reflexões profundas por meio dos diversos gêneros literários.

Mas como incentivar os jovens a gostar de literatura? O primeiro ponto é apresentar a eles suas preferências literárias, seu lado de professor-leitor, compartilhando a vasta quantidade de assuntos a serem explorados e descobertos por novos olhares e mentes. E essa tarefa não cabe somente ao professor de Língua Portuguesa, pois é importante apresentar novas e surpreendentes possibilidades ao educando em todos os componentes.

Em um de seus mais aclamados ensaios, “O direito à literatura”, Antonio Candido (1918-2017), considerado um dos maiores críticos literários brasileiros, compara o direito à cidadania ao direito ao acesso à literatura. Para o professor, a literatura vem sendo proposta como um equipamento intelectual e afetivo, pois os valores que a sociedade preconiza, ou considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática, tornando-se, assim, um poderoso instrumento para a Educação. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, possibilitando a vivência dialética de problemas existenciais e sociais. Em outras palavras, possibilita aos alunos enxergarem sua realidade de modo crítico, tornando-se protagonistas de sua própria história. Por isso mesmo, pode ser vista como um direito emancipador, que liberta.

Os professores também são mediadores dos momentos que antecedem a leitura, ou seja, do acesso e do contato com a literatura. E não apenas mediam como apresentam o texto literário aos alunos. Entretanto, antes de oferecer o contato com o texto, desempenham a nobre função de ler os próprios alunos e saber um pouco mais sobre eles, afinal o contato quase diário na escola permite o conhecimento um pouco mais aprofundado de cada um deles.

Quando se pensa em mediação de leitura, tem-se a possibilidade de trabalhar com uma pluralidade de experiências e com momentos de trocas. Ao dar voz aos alunos a partir do que você propôs como reflexão, professor e aluno descobrem, juntos, uma imensidade de ressignificações que um texto literário pode proporcionar ao seu leitor.

Assim, experiências de leitura se desenvolvem a partir do que foi lido: “O que esse tema tem a ver comigo?”, “Como posso estabelecer relações com o meu momento atual?”, “Que sentimentos são aflorados?”.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para o Ensino Médio:

[...] é preciso oferecer aos nossos jovens novas perspectivas culturais para que possam expandir seus horizontes e dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e à produção coletiva de novos conhecimentos (2013, p. 145)

O contato com o universo literário, sem dúvida nenhuma, promove aos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem essa expansão de conhecimentos e novos horizontes, como bem apresenta as DCN. O jovem do Ensino Médio vivencia o século XXI com uma intensidade frenética: faz várias ações ao mesmo tempo e vai em busca do que quer mesmo sem saber como alcançar êxito. Ele quer extrair o máximo de informação do momento em que vive e tem sonhos, mesmo que sejam vários.

É preciso considerar o perfil do jovem brasileiro, pois a adolescência não é só uma fase: é uma realidade. É nessa época que acontecem ritos de passagem, transformações nas maneiras de ver o mundo, despertar de desejos e muitos rompantes. Ao se pensar em estratégias de leitura e de trabalho com temas pertinentes ao universo do jovem e ao ouvir os alunos, fortalecendo o contato com a literatura por meio do encantamento e da troca, formam-se novos leitores literários.

Diante de todas as possibilidades oferecidas pela leitura literária, a proposta deste Manual do Professor, em conformidade com o conjunto de aprendizagens essenciais indicadas nas DCN, é levar os alunos a perceber o quanto a leitura é essencial na vida deles. Para isso, serão apresentadas propostas para que você, professor, leia a obra **Fragosas brenhas do mataréu** para e com os alunos e que reserve um tempo para a leitura em sala de aula, de maneira planejada e articulada com outros conteúdos escolares, abordando temas de importância para a formação humana e cidadã dos alunos.

ANTES DE LER O LIVRO

Antes de discutir o contexto de produção da obra, você pode debater com os alunos:

- “Há escritores em sua turma ou com vocação para a escrita? Que tipo de textos produzem?”
- “Vocês ou seus colegas querem viver disso? O que poderiam fazer para viver de literatura?”
- “E quem não produz nenhum tipo de escrita? O que pensa sobre os escritores? Quais são as contribuições que eles nos dão e por quê?”

Tais reflexões instigam os alunos a se expressarem e a se sentirem valorizados, pois é dada voz ao que pensam e ao que fazem quando estão além dos muros da escola. Comente que não é pelo fato de ainda não serem reconhecidos, como é o caso do es-

critor Ricardo Azevedo, que devem deixar de escrever e de se expressar. O próprio autor teve de começar por algum lugar e foi em busca do seu objetivo de se tornar escritor.

Compartilhe, então, os dados sobre o autor: De onde vem, quais são suas referências, sua formação, sua relação com a escrita e com a leitura e, conseqüentemente, com a literatura. Contextualize o extraliterário que permeia a obra como forma de se aproximar do literário.

Ricardo Azevedo nasceu em 1949, quatro anos após o final da Segunda Guerra Mundial. Nascido em São Paulo, esteve em contato com os livros desde criança, pois seus pais foram seus maiores incentivadores. Ao longo dos anos, à medida que se torna leitor voraz, gosta de estudar e pesquisar sobre a cultura dos povos. Com 16 anos escreveu seu primeiro livro, *Um homem no sótão*, que só foi publicado em 2010. É formado em Comunicação Visual, mestre e doutor em teoria literária e desenhista, o que lhe permite ilustrar a maioria das suas obras. Já publicou mais de cem obras e é vencedor de diversos prêmios literários, como o Jabuti e o APCA (Associação Paulista de Críticos de Artes).

Sugira uma reflexão sobre:

- Como teria sido viver na cidade de São Paulo nas décadas de 1950, 1960 e 1970? Como vocês imaginam que esse autor, filho de intelectuais de classe média, viveu sua infância na cidade de São Paulo de 1950?

É importante discutir com os alunos a relevância histórica dos fatos, nacionais ou mundiais que transformam nações e estabelecem marcos na história de vida de qualquer cidadão, fazendo-o entender que ele está vivendo à medida que os fatos acontecem. Esse tipo de questionamento prepara os alunos para a leitura de **Fragosas brenhas do mataréu**, ao começarem a refletir sobre a influência do contexto histórico no desenvolvimento das subjetividades, como no caso do jovem personagem filho de Joana Machado. Posteriormente, você poderá instigá-los a olharem para sua própria história.

Contextualização da obra

Fragosas brenhas do mataréu pode ser classificada como pertencente ao gênero romance histórico. A obra faz um retrato ficcional de uma época significativa para a história das sociedades, no caso, a portuguesa e a brasileira. Esse tipo de gênero textual é bem aderente aos jovens do Ensino Médio e, ao misturar elementos da História e da Geografia com um enredo envolvente centrado na figura de um órfão sobrevivente, pode se tornar um rico instrumento de pesquisa, sensibilização, conhecimento e autoconhecimento para os alunos no trabalho com a literatura.

Os temas trabalhados oferecem a possibilidade de ampliar o diálogo, seja ouvindo os alunos, seja subsidiando pesquisas em conjunto com os professores de História, Geografia e Biologia. Trata-se de uma obra ficcional fruto de anos de pesquisa, que reinventa, de modo poético e natural, a linguagem, os costumes e as atitudes da época, sem deixar de ser atraente ao leitor iniciante de literatura.

Na obra de Ricardo Azevedo, o enredo é tratado sob o olhar do narrador-personagem, jovem português que vive no século XVI, período colonial brasileiro, e que fica órfão com 15 anos. Sob sua perspectiva, a de um jovem solitário fadado a um destino *a priori* cruel, ele nos apresenta sonhos, vontades, desejos e sensações dúbias típicas de um adolescente de qualquer época.

Nesse sentido, a obra apresenta reflexões universais do ser humano que vivencia a puberdade, sendo direcionada ao jovem do Ensino Médio e encaixando-se no tema "Inquietações das juventudes". Por trazer à tona o olhar de um adolescente sobre os

fatos que o cercam, é natural que questões comportamentais sejam exploradas. Dessa forma, ao contextualizar e especificar as inquietudes de um jovem órfão em terras estrangeiras, o autor acaba universalizando-o e aproximando-o do jovem do século XVI e de todos os tempos. Temos, portanto, a oportunidade de colocar um jovem do século XVI em diálogo com o jovem atual.

Dividida em 29 capítulos, a narrativa envolve o leitor desde as páginas iniciais, com a prisão seguida da morte da mãe do garoto. E vai nos prendendo capítulo a capítulo: enquanto adentramos as fragosas brenhas narrativas, conhecemos pouco a pouco o universo do jovem português que, mesmo com medo do desconhecido, enfrenta o desafio de continuar a viver sua vida e seguir seu destino. Esta narrativa, portanto, permeada de “Inquietações das juventudes”, também explora assuntos como transformações físicas e psicológicas, além da descoberta de si mesmo.

A narrativa de Ricardo Azevedo traz como resultado uma reflexão que há muito acompanhava o autor, pois ele sempre teve a curiosidade de saber como foi para o povo português chegar ao Brasil. Faça aos alunos os questionamentos que o escritor se colocou:

- “Será que ao chegarem aqui já haveria outros portugueses?”
- “Somente os índios viviam em terras brasileiras?”

Esses aspectos são dois motes relevantes para iniciar reflexões sobre a chegada dos portugueses. Faça-os ampliar o olhar:

- “A chegada dos portugueses ao Brasil tem apenas uma versão?”

Para essa condução de atividade reflexiva, que pode anteceder a leitura do livro, converse com o professor de História da sua escola e tente estabelecer com ele um trabalho interdisciplinar, sempre buscando contextualizar os tópicos que julgarem mais importantes para o trabalho em sala de aula, antes, durante ou após a leitura.

Motivação para a leitura

Proponha aos alunos uma discussão sobre o título **Fragosas brenhas do mataréu**, e elenque algumas possibilidades de significação com base na escuta dos alunos. Pergunte: “O que significam os termos “fragosas”, “brenhas” e “mataréu”? “Mataréu” pode ser mais facilmente entendido, pela presença do radical “mata”, comum e familiar. Peça que busquem no dicionário as demais palavras – fragosa e brenha – e tentem compreender o que o romance anuncia a partir do título, pois o entendimento do título conduz a leitura.

Após ouvir os alunos a respeito do que entendem sobre o título, pergunte:

- “Como deveria ser a paisagem brasileira em 1500?”
- “O que deveria prevalecer? Construções ou a natureza dominante?”
- “De onde vinha toda a riqueza da terra? O que ‘abastecia’ os nativos e portugueses que aqui chegaram?”

Para saber mais

Para exemplificar a paisagem brasileira do período, apresente uma representação cartográfica da época, que pode ser vista no *site* da Biblioteca Nacional Francesa: <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002607s/f1.item.zoom>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

Outra possibilidade de mediação da leitura é refletir sobre as comunicações que se estabeleciam e sobre as tecnologias da época. Você pode mostrar quais tipos de

tecnologia que o livro apresenta dado o momento histórico em que a narrativa se passa: ferramentas de trabalho, mão de obra, embarcações feitas pelos portugueses, entre outras. Explore, ainda, como a construção da identidade brasileira começou: a partir da imposição de uma cultura portuguesa, com a catequese dos índios, por exemplo. Apresente, por meio da narrativa, como a miscigenação ocorreu por meio da “descoberta” da “nova terra”.

Aborde os elementos paratextuais do livro, como a capa e as ilustrações.

- “Por que tais elementos estão presentes no livro?”
- “Qual é a função de cada um deles? Que informações eles trazem?”

Crie estações de trabalho, alterando a disposição das carteiras para formar grupos de alunos. Isso vai facilitar sua circulação entre eles. Crie temas para discussão em cada uma das estações a partir das discussões anteriores. Alguns exemplos de temas podem ser:

1. Pesquisar mais sobre o autor.
2. Pesquisar sobre o título e as imagens da capa.
3. Pesquisar o perfil do personagem-narrador.

Há infinitas possibilidades de trabalho com a temática abordada na obra. Dentro de cada estação de trabalho peça aos alunos para se incumbirem de se organizar, em conjunto, e a partir do tema daquela mesa, como podem estabelecer as atividades do grupo. Por exemplo:

- “Quem vai anotar o que for comentado?”
- “Quem pode ser o porta-voz do grupo?”
- “Quem pode anotar as outras informações que virão das outras estações de trabalho?”

A partir disso, pergunte sobre o texto da quarta capa:

- “Quais os principais pontos destacados? De que forma eles podem nos conduzir à leitura da obra?”
- “Com qual intuito os viajantes portugueses chegaram ao Brasil?”
- “O que é considerado mítico? Que mitos os portugueses tinham em sua imaginação antes de conhecerem e chegarem ao Brasil?”
- “Que tipo de aventuras o personagem-narrador vivencia a partir do momento em que sai da sua terra natal?”
- “Por que o tema da ‘bruxaria’ está no livro? Pesquise sobre a Inquisição e tente estabelecer uma relação de diálogo entre a figura da mãe e a Inquisição.”

Escute os alunos e deixe apenas um responsável pelas anotações das impressões da contracapa. Por meio delas, é possível desenhar os caminhos para a leitura da obra. Há a possibilidade de se ampliar o olhar para o assunto fazendo, por exemplo, um paralelo com os refugiados atuais, que vivenciam diversos tipos de violência e que, por esse motivo, buscam guarida em outros países.

Após as discussões feitas até aqui, é possível indagar:

- “Por que a obra pode ser categorizada como um romance histórico?”

Leve os alunos a perceber a relação entre brancos colonizadores e índios, bem como entre estes e a Igreja e aqueles que tinham certo prestígio social e que desem-

penhavam funções de autoridade com os habitantes da “nova terra”. É preciso reforçar que o enredo da história se passa no século XVI e nos mostra um lugar em formação. Costumes culturais e sociais de outra nação entravam na “nova terra” e, por isso, houve conflitos de toda natureza com os que já povoavam a terra.

DURANTE A LEITURA

Para estabelecer uma aprendizagem mais significativa, oriente-os a fazerem apontamentos durante a leitura, assim você perceberá como alguns capítulos são compreendidos e interpretados por eles, saberá também o que os alunos pensam a respeito do que leram e como as aventuras do personagem-narrador podem traçar um paralelo com o universo de cada um.

As impressões de leitura são importantíssimas para uma boa interpretação do texto lido, porque conduzem a reflexões a partir do que vivenciam no cotidiano, ampliando seu olhar e, além de tudo, permitindo que se expressem diante do seu grupo. Nesses momentos de reflexão, a literatura permite também entender como uma identidade pode ser constituída, construída, conduzida, mapeada e aflorada.

DEPOIS DA LEITURA

O texto e o contexto

Após a leitura da obra, resgate as considerações e hipóteses que foram apresentadas na seção “Motivação para a leitura”, retomando os debates dos grupos estabelecidos nas estações de trabalho.

Outros temas presentes na obra poderão ser discutidos nas estações:

- “Será que os anseios do personagem-narrador são tão diferentes dos anseios dos jovens de hoje em dia?”
- “Quais são os conflitos vividos pelos personagens que se referem a Deus e sobre a existência ou não desse ente?”
- “Quais são os tipos de questões existenciais vividas pelo personagem-narrador?”
- “Mesmo passando por dificuldades, o narrador-personagem se dispõe a ajudar os outros: Por quê?”

Interpretação do texto

Ainda reunidos nas estações de trabalho, fomente algumas conversas sobre:

- “O que o personagem-narrador tem em comum com vocês? Enumerem quais características físicas e psicológicas vocês têm em comum e, também, as divergentes.”
- “Que tipo de atitude você teria ao saber que corria risco de vida, quando a índia Jurecê avisa o narrador-personagem de que corre perigo?”

- “Qual capítulo chamou mais a atenção de vocês?”
- “Vocês dariam outro final para o livro? Qual?”

Linguagem

Esta seção pretende oferecer encaminhamentos para o trabalho com significados de algumas palavras e figuras de linguagem. Comece pedindo aos alunos para elencar as palavras que foram de difícil compreensão, mesmo analisando pelo contexto. Use o dicionário, físico ou digital, com eles.

Em seguida, proponha aos alunos que descrevam os momentos em que o narrador-personagem diz ter um prego em sua garganta. Isso é uma metáfora utilizada durante toda a narrativa e que pode ter significados diante do contexto de vida do personagem principal. Proponha um trabalho a partir dos questionamentos:

- “O que a imagem do prego, uma metáfora, expressa no contexto da narrativa?”
- “Ter esse prego na garganta também é uma experiência vivida pelo jovem da atualidade?”

Bate-papo e pesquisa

Esta seção promove um momento de discussão entre todos os alunos e pretende ultrapassar os muros da escola. A proposta é solicitar aos alunos que entrevistem pessoas migrantes ou imigrantes da comunidade ou os refugiados.

Em um primeiro momento, direcione a atividade para que pesquisem sobre o tema “Inquietações das juventudes”, entendendo “juventudes” no coletivo, no sentido de haver várias juventudes: a da periferia, a do centro urbano, a do sertão, a das grandes metrópoles, etc. E por “Inquietações” fazer um paralelo com a história de vida do jovem narrador-personagem, que se vê sozinho e cheio de dúvidas quando precisa decidir seguir em frente após a morte de sua mãe.

Para potencializar a atividade, é interessante estabelecer um trabalho interdisciplinar com o professor de Biologia, pois algumas questões físicas que são peculiares aos jovens poderão ser contempladas por ele em suas aulas.

Para saber mais

Uma boa indicação de leitura para entender melhor o comportamento do jovem é o livro *O cérebro adolescente: Guia de sobrevivência para criar adolescentes e jovens adultos*, da neurologista Frances E. Jensen (Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016).

Produção de texto

Quando pensamos em atividades que envolvem produção de texto, devemos nos atentar para três ações: o planejamento do texto, a revisão e a reescrita – ou edição. Nesta produção textual é possível trabalhar o gênero entrevista. Pode ser feita uma entrevista oral e, em um segundo momento, a transcrição dessa entrevista. Veja a seguir quais são as possibilidades de trabalhar com este tipo de gênero textual.

Planejamento do texto

1. Sugestão para escolha do tema: entrevistar migrantes, imigrantes ou refugiados que vivem em sua cidade. Em grupos, os alunos irão trabalhar com o tema “Inquietações das juventudes” a partir da obra literária lida, focando na composição do personagem-narrador.
2. Sugira que os alunos pensem em suas próprias inquietações e elaborem de oito a dez perguntas para serem realizadas durante as entrevistas com o interlocutor. Perguntas objetivas são as mais indicadas para serem usadas em uma entrevista.
3. Para conhecer melhor o público que irão entrevistar, recomende uma pesquisa prévia sobre o perfil do entrevistado. Se for alguém conhecido, fica mais fácil de traçar o perfil desejado.
4. Peça que levem gravadores ou façam anotações no momento da entrevista. Porque se se valerem apenas da memória como recurso, fatos importantes poderão ser esquecidos no momento da transcrição da entrevista.
5. Oriente-os sobre a importância de ouvir o entrevistado e de deixá-lo falar sem interrupções. O interlocutor se sentirá mais tranquilo, visto que algumas questões pessoais podem ser afloradas. A atenção ao que está sendo dito também é bastante importante no momento da entrevista, pois permite que algumas perguntas não planejadas possam ser feitas, permitindo ao jovem aluno que se adapte frente ao inesperado.
6. Se não for possível escolher jovens para a entrevista, oriente os alunos a escolherem entrevistados que queiram expor suas experiências e “inquietações da juventude”. Deixe-os à vontade também para tirarem fotos dos entrevistados, assim podem ilustrar a entrevista.
7. Cada grupo poderá trocar informações sobre seus entrevistados e este momento será realizado oralmente, em sala de aula, com o propósito de todos darem voz uns aos outros.

Revisão e edição

8. Ainda nas estações de trabalho, oriente os alunos para transcreverem as entrevistas e revisarem o texto (ortografia, gramática, coerência e coesão). Peça, então, para verificarem se o tema “Inquietações das juventudes” foi respondido durante a entrevista.
9. Também é importante que analisem se traçaram um paralelo entre narrador-personagem e entrevistado. Solicite que analisem se na produção do gênero há uma introdução do assunto.
10. Pensando no público leitor desta entrevista, questione-os se a linguagem usada na produção do texto está adequada. Depois das intervenções necessárias, discuta com seus alunos como as entrevistas serão divulgadas para a comunidade, se serão transformadas em um livro de depoimentos, se um diário da juventude, se serão escritas em um *blog*.
11. Caso haja interesse e recursos disponíveis, os alunos podem apresentar a entrevista oral editada em vídeo, e planejar a circulação em redes sociais, por exemplo. Mas lembre-se: se a divulgação do teor das entrevistas ultrapassar os muros da escola, isto é, chegando até a comunidade escolar a título de informação sobre o tema, é importante que os alunos solicitem aos entrevistados uma autorização para a divulgação do texto e/ou do vídeo.

Para saber mais

Filmes:

Náufrago, com direção de Robert Zemeckis (EUA, 2000). 143 min. Classificação indicativa: 12 anos.

As aventuras de Pi, com direção de Ang Lee (EUA, 2012). 127 min. Classificação indicativa: 10 anos.

Esses dois filmes lembram os capítulos iniciais da obra **Fragosas brenhas do mataréu** e podem ampliar o repertório cultural dos alunos, além de serem obras que abordam a solidão do homem em alguns momentos da vida.

Nunca me sonharam, com direção de Cacau Rhoden (Brasil, 2017). 86 min. Classificação indicativa: 10 anos.

Nesse documentário, produção nacional de 2017 disponibilizada gratuitamente na internet, temos a oportunidade de entender melhor o universo juvenil pela voz de seus protagonistas: os próprios jovens. São apresentadas temáticas nas quais os jovens brasileiros estão imersos.

Livro:

Viagens e descobrimentos, de Neide Zo. Salvador: Caramurê Publicações, 2014.

Fazendo arte

A partir das ilustrações da obra proponha aos alunos, principalmente aos que gostam de desenhar, uma releitura para a capa. Sugira um concurso de capas para a obra **Fragosas brenhas do mataréu**. Estabeleça com os alunos quais critérios podem ser acordados para que possam competir entre si, de maneira saudável e construtiva. Você pode pedir, por exemplo:

- “A partir de qual capítulo do livro vocês podem iniciar uma produção artística coletiva?”

Ou ainda:

- “De acordo com a leitura da obra, qual outra capa pode ser apresentada que represente o que foi lido?”
- “Seria interessante retratar o personagem-narrador como ilustração? Outro personagem poderia estar com este narrador-personagem na capa do livro?”

Estimule uma pesquisa sobre ilustradores brasileiros e estrangeiros a fim de que os alunos vejam outros estilos de produção. Eles podem se basear nessa pesquisa e darem prosseguimento com suas ideias.

Apresente aos alunos outros exemplos de capas de livros para que ampliem seu olhar quanto à obra de arte visual. Peça a eles que levem exemplos de outros livros de que gostam. Valem imagens da internet também.

Compartilhe suas ideias com o professor de Arte e ouça as dele também para tornar o trabalho muito mais enriquecedor e sempre visando divulgar as produções dos alunos-autores-ilustradores para além dos muros da escola. Um *blog* para divulgar os resultados desse trabalho artístico pode ser uma boa alternativa para atingir outros públicos.

Depois, convide um artista plástico de sua cidade para estar na banca de avaliação. Será uma ótima oportunidade de transcender novamente os muros da escola.

Atividade interdisciplinar

Sugerimos a realização de uma atividade que apresente um resultado mais complexo, que una todas as experiências até então arroladas: a elaboração de um *blog*, um *vlog*, um *Tumblr*.

Um *blog* pode conter a entrevista que foi feita por escrito. Já o *vlog* pode disponibilizar a entrevista filmada.

Um *Tumblr* pode ser produzido pensando na atividade de elaboração das capas ilustradas para a obra. É possível disponibilizar *on-line* o que foi elaborado pelos alunos.

Essas plataformas são recursos mais próximos do universo dos alunos, por isso, peça a ajuda deles para construírem juntos como poderão compor os regulamentos, quem poderá participar, como acontecerão as atividades propostas, quais pesquisas irão fazer, etc. Outros professores também poderão partilhar este momento como uma ajuda coletiva e interdisciplinar.

Leia também

Seguem sugestões de leituras extras para indicar aos alunos.

Macunaíma: o herói sem nenhum caráter, de Mário de Andrade. São Paulo, Martins, 1973.

Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Tumbu, de Marconi Leal. São Paulo: Editora 34, 2007.

Raça e história, de Claude Lévi-Strauss. Trad. de Inácia Canelas. Lisboa: Editorial Presença, 1952.

Descobrimientos, de João Batista Melo. São Paulo: Devir, 2012.

O trono da rainha Jinga, de Alberto Mussa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

Cronistas do descobrimento, de Antônio Carlos Olivieri e Marco Antônio Villa. São Paulo: Ática, 2012.

Duas viagens ao Brasil, de H. Staden. Porto Alegre: L&PM, 2010.

Terra Papagalli, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2011.

Meu querido canibal, de Antonio Torres. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Referências bibliográficas

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo: Nacional, 1985.

_____. "O direito à literatura". In: _____. *Vários escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

MAPA cartográfico do Brasil em 1500. Disponível em <<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b55002607s/f1.item.zoom>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MAPA do Brasil em 1500, retirado do *site* oficial do governo. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/governo/2010/01/colonia/o-periodo-colonial-compreende-o-periodo-entre-a-chegada-dos-portugueses-em-1500-e-a-independencia-do-pais-em-1822/image_view_fullscreen>. Acesso em: 14 abr. 2018.

Sobre mediação de leitura. Disponível em: <<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/mediadores-de-leitura>>. Acesso em: 12 abr. 2018.